

RUBEM BRAGA

VIDA E MORTE NA FLORESTA

LUXÚRIA, luxuriosa, luxuriante...

Gosto de ouvir essas palavras aplicadas à vegetação; é inútil pretender o dicionário nos informar que nesse caso elas apenas querem dizer viço. Não é apenas viço, é o sensualismo da mata dissoluta, em que as formas de vida se misturam, se matam, se amam.

Tudo na floresta é libertinagem e luta, os sexos das flôres se afirmando em guerra sobre os verdes múltiplos. A ligeira visão da mata me devolve hoje a impressão de um dia remoto em que me arrisquei sozinho pelo seu recesso. Aquêlê sentimento de estar no seio de um organismo grande, imenso, feito de muitos outros, como um grande monstro de vida — e eu perdido no seu ventre, nos seus cabelos e viscosidades, na sua

sombra, nos seus humores. A respiração pesada, os inumeráveis pequenos movimentos e os sutis gestos paralisados no sentido do sol, da água, da afirmação, da reprodução. A luta travada, o corpo-a-corpo de troncos, cipós, ramos, raízes... E a vida animal que fervilha de insetos e répteis, aves, bichos pequenos e grandes, gritos, uivos, zumbidos, tudo repele o homem e ao mesmo tempo o aceita no seio de seu sofrimento.

Os que morreram de febre no meio da mata, êsses devem ter vivido sua morte com uma estranha vida múltipla, devem ter morrido mais e ao mesmo tempo menos, tão estranho e total deve ser o sentimento de que seu ser será absorvido logo em carne, fôlhas, asas, troncos, lôdos, tudo úmido de vida, fremente de luxúria...

DN

14-4-68

M 796